

Pedra que não anda dá lodo: reflexões sobre a luta e os movimentos quilombolas no Norte de Minas Gerais¹

Pedro Henrique Mourthé de Araújo Costa²

Introdução

Em minha pesquisa de mestrado realizada em Brejo dos Crioulos, comunidade quilombola localizada na região Norte do estado de Minas Gerais³, um aspecto marcante, percebido no decorrer do trabalho de campo, foi a importância atribuída pelos quilombolas às narrativas relacionadas à *luta*⁴. A maior parte da pesquisa foi feita através de conversas realizadas com os moradores sobre os *enfrentamentos* realizados na *luta pelo território* (MOURTHÉ, 2015).

No decorrer dos já somados vinte e três anos de *luta* pela titulação de suas terras, os habitantes de Brejo dos Crioulos e seus *parceiros* recorreram

-
- 1 Versões preliminares deste texto foram apresentadas no “V Encontro das Ciências Sociais no Norte de Minas”, em julho de 2018 e na “31ª Reunião Brasileira de Antropologia”, em dezembro de 2018. Neste capítulo, desenvolvo alguns dos temas abordados nos trabalhos apresentados nestes eventos.
 - 2 A pesquisa de doutorado foi financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP/Processo nº 2016/11081-0), a quem agradeço o apoio.
 - 3 Brejo dos Crioulos é formado pelas localidades de Araruba, Orion, Ribeirão do Arapuim, Caxambu I, Caxambu II, Furado Seco, Furado Modesto, Serra D’Água e Tanquinho. O território quilombola estende-se pelos municípios de São João da Ponte, Varzelândia e Verdelândia.
 - 4 Ao longo do texto, utilizo a fonte em itálico para diferenciar termos e expressões utilizados pelos meus interlocutores.

a diferentes formas de ação política no intuito de assegurarem à efetivação dos direitos quilombolas. A partir do ano de 2004, após receberem o *apoio* dos militantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), foi iniciada na comunidade a *luta pela retomada do território*. Além de serem os primeiros habitantes de uma comunidade negra rural no estado de Minas Gerais a reivindicarem os direitos constitucionais sobre o território⁵, os moradores de Brejo dos Crioulos também foram os primeiros a *retomar* as fazendas que historicamente os *encurralaram* e que, durante vários anos, concentraram a maior parte das suas terras⁶. Além disso, falar da *luta* também implicava mencionar *andanças* para além de Brejo dos Crioulos, como aquelas feitas com os movimentos e *parceiros*:

Nós ficamos em um assentamento em Itapeva, em São Paulo. Ficamos lá setenta e cinco dias. De dentro do acampamento, foi tirado um de Brejo e da região Norte. Nós fomos em uma equipe de quatro pessoas, três do MST e eu como representante quilombola aqui do Brejo. Saindo de lá, nós fomos para a Conferência Terra e Água. Eu mesmo tenho quatro *certificados de formação política!* Certificado da conferência Terra e Água, Encontro do ENA [Encontro Nacional de Agroecologia] que teve em Recife e Encontro Quilombola que teve em São João da Ponte, a nível estadual. Esses lugares tudo aí *nós andamos com o movimento*. (Nilson, Ribeirão do Arapuim, Brejo dos Crioulos, 2014)⁷.

5 O art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias (ADCT) afirma: “Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os respectivos títulos” (BRASIL, 2006).

6 Após sofrerem os efeitos de violentos processos de expropriação e restrição territorial iniciados em meados de 1930, no período denominado de *tempo da divisão*, os moradores passaram a viver, como costumam dizer, *encurralados* em estreitas parcelas de terra entre várias fazendas, com acesso restrito ao seu território tradicional. Para uma discussão detalhada acerca deste assunto e sobre a *luta* de Brejo dos Crioulos, ver Mourthé (2015, 2017, 2021).

7 Os nomes das pessoas que contribuíram com a pesquisa de doutorado foram preservados.

Ao longo do trabalho de campo, participei de encontros, reuniões, visitei sedes de instituições e de órgãos governamentais nas cidades de Montes Claros e Belo Horizonte. Apesar de ter realizado uma estadia prolongada na comunidade, também acompanhei meus interlocutores em algumas de suas *andanças* e circulei pelos lugares nos quais eles circulam ou possuem conexões. Este *movimento* – espacial e metodológico – me possibilitou aprender um pouco sobre as *articulações* dos quilombolas de Brejo dos Crioulos com outros povos da região, outros atores, bem como a dinâmica de sua *rede de parceiros*, constituída e acionada no âmbito da *luta pelo território*⁸.

Outro aspecto relevante da pesquisa foram os encontros frequentes com os documentos, me levando a argumentar que seguir os quilombolas também implicou seguir uma enorme “trilha de papéis” (MORAWSKA VIANNA, 2014). Assim como o depoimento apresentado acima, no qual Nilson menciona seus *certificados de formação política* recebidos nos encontros em que frequentou, também em meu convívio com outros companheiros de pesquisa os *documentos da luta – certificados*, cartilhas, *cartas políticas*, *liminares*, reportagens, crachás – reiteradamente apareciam. Através destes *papéis*, eles falavam sobre seus engajamentos na *luta* e narravam suas *andanças*⁹. Estas particularidades do meu trabalho de campo me levaram, ao final da pesquisa, a produzir uma etnografia que procurou descrever como a *luta pelo território* em Brejo dos Crioulos é constituída, em diferentes escalas, por diversos *movimentos* (MOURTHÉ, 2015).

8 A *rede de parceiros* é formada por advogados, técnicos, pesquisadores, militantes, instituições como a Comissão Pastoral da Terra (CPT), o Centro de Agricultura Alternativa do Norte de Minas (CAA-NM) e movimentos sociais como o MST. Pessoas e organizações que, a partir de intensidades e metodologias diferentes, acompanham, apoiam (ou já acompanharam e apoiaram) as mobilizações quilombolas. Nos lugares mencionados acima, estive conversando com estes *parceiros*.

9 O que também ocorreu durante a pesquisa de doutorado, como veremos na próxima seção. A respeito deste tema, ver também Mourthé (2021, no prelo).

Com intenção de aprofundar essas reflexões, a pesquisa de doutorado foi um desdobramento do mestrado. A proposta foi ampliar o recorte do estudo e realizar uma etnografia da *luta* quilombola na região do Norte de Minas. Para tanto, além de dar sequência ao trabalho em Brejo dos Crioulos, durante o campo desenvolvido entre 2016 e 2018, também realizei incursões em outros quilombos da região. Foram realizadas visitas e estadias em Croatá, Sangradouro Grande, Gameleira e Várzea da Cruz, comunidades localizadas na zona rural do município de Januária, na margem esquerda do rio São Francisco; nos quilombos de Praia e Lapinha, também localizados nas margens deste rio, porém no município de Matias Cardoso; e em Agreste, comunidade situada em São João da Ponte, próxima a Brejo dos Crioulos. Nestes lugares, pude conviver e realizar conversas com diversas lideranças, militantes e outras pessoas que participam dos movimentos sociais, entidades, associações quilombolas e de povos e comunidades tradicionais.

Além disso, durante o trabalho de campo também segui meus companheiros de pesquisa em suas *andanças* e acompanhei diversos eventos e atividades do mundo dos movimentos¹⁰ – encontros, reuniões, seminários, oficinas, atos, celebrações etc. – que ocorreram nas próprias comunidades, em diferentes cidades da região e na capital Belo Horizonte¹¹. Minha intenção foi apreender a importância destes momentos, o que eles produzem e o que é necessário para produzi-los; quais são as *articulações* e alianças te-

10 Ao utilizar a expressão “mundo dos movimentos” neste texto tenho como inspiração as próprias formulações dos meus interlocutores e algumas etnografias. Nos trabalhos de Comerford (1999) e Loera (2009), os autores utilizaram respectivamente as expressões “mundo social das organizações de trabalhadores rurais” e “mundo das ocupações de terra” para caracterizarem as especificidades dos mundos etnografados por eles. Já no capítulo escrito por Comerford, Almeida e Palmeira (2014, p. 82), os autores optaram pelo uso de “mundo da participação”. Em um trabalho anterior, Sigaud (1996, p. 174) usa a expressão “mundo dos engenhos” em sua pesquisa realizada na Zona da Mata de Pernambuco, contexto no qual Rosa (2009, 2011), lançou mão do termo “mundo dos movimentos”.

11 Nestas *andanças*, também realizei visitas as sedes das organizações e me encontrei com lideranças e *parceiros* nos municípios da região e em Belo Horizonte, onde também foram realizadas conversas e entrevistas.

cidas pelos quilombolas com outros povos, movimentos, *parceiros* e, deste modo, realizar um esforço de compreender e descrever etnograficamente, partindo do ponto de vista dos quilombolas, o movimento e a *luta* na região do Norte de Minas. A proposta deste capítulo é apresentar algumas reflexões da pesquisa de doutorado. O texto está organizado em três seções. Na primeira delas, a ideia foi realizar uma tentativa de descrever como a *luta* quilombola é feita em *movimento*, na circulação de pessoas, conhecimentos, coisas, símbolos, práticas e *tradições*. Em seguida, descrevo os modos como os quilombolas realizam suas *andanças*, *mobilizam* seus *companheiros* e assim também fazem suas *lutas*. A última seção do capítulo é dedicada às reflexões finais.

Fazendo a luta em movimento

Uma dimensão muito valorizada pelos que estão engajados no mundo dos movimentos sociais está relacionada à mobilidade que a participação nesse mundo confere a suas vidas. Ao falarem das suas *lutas*, costumam reviver, com bastante gosto, as *andanças* e *viagens* realizadas com os movimentos e *parceiros*. Assim como fez Nilson (em depoimento citado acima) – que, ao falar do seu envolvimento com o MST, evocou suas *andanças*, o acampamento onde ficou em São Paulo e os encontros dos quais participou – nas conversas com outros companheiros de pesquisa, o aspecto de *movimento* da *luta* é algo sempre destacado em suas narrativas.

Como me disse uma interlocutora de Croatá, participar de um movimento é “[...] frequentar os encontros e *viajar* muito: igual a gente teve em Mariana, em Linhares, teve na Ilha do Batoque lá no Pernambuco, foi para Petrolina.”

Pedro: E todas essas viagens que vocês vão, antes de vocês participarem dos movimentos, vocês viajavam tanto?

Moradora de Croatá: Nós não *viajávamos* era de jeito nenhum. Nós só começamos a *fazer viagem* depois da organização do *movimento*, da pastoral, que foi quando a gente começou as *andanças*. (Moradora de Croatá, 2018).

O *movimento*, citado no depoimento da minha interlocutora, é o Movimento dos Pescadores e Pescadoras Artesanais (MPP). No Norte de Minas, seu surgimento ocorreu através das mobilizações em torno da campanha nacional pela regularização dos territórios pesqueiros e da atuação do Conselho Pastoral dos Pescadores (CPP).

De modo similar, outra companheira de pesquisa, que também faz parte do MPP, chamou atenção para a *reviravolta* que a inserção no *movimento* e o apoio recebido das pastorais provocou em sua vida. Antes de se engajar no MPP, contou que se dedicava apenas à “*luta dentro da comunidade*” e aos seus estudos:

Pedro: Antes você viajava também? Antes de participar do movimento?

Moradora de Croatá: Não. Só aqui mesmo dentro de Januária pescando. Era só essa minha função, estudando e pescando. Acabei de fazer um curso técnico de agente de saúde, tem uns três meses. Ia daqui pra IFNMG¹², voltava pra pescar e ia na *luta aqui dentro da comunidade*. Depois que a gente conheceu o *movimento*, o pessoal da pastoral da pesca, pastoral da terra, foi aí que deu essa *reviravolta* na vida minha, na vida de todo mundo. (Moradora de Croatá, 2018).

Viajando com o movimento, ela ainda contou que conheceu outras comunidades quilombolas, vazanteiras, pescadoras, outras terras indígenas e gente de várias regiões do país: “[...] agora mesmo em Pernambuco, nessa *formação*, tinha pessoas do Nordeste, do Sul, um monte de gente mesmo, um pessoal do Rio de Janeiro, outro do Rio Grande do Norte, outro do Rio Grande do Sul, muita gente”. Entusiasmada, disse ainda: “[...] os únicos estados que eu nunca fui são esses quatro: Rio Grande do Sul, Rio Grande do Norte, São Paulo e Rio de Janeiro, mas os outros tudo a gente já foi”.

12 O Instituto Federal do Norte de Minas (IFNMG) possui um campus na cidade de Januária e oferece gratuitamente cursos técnicos e superiores.

Como observou Rosa (2009, p. 158), em seu esforço de “reconstituir alguns dos sentidos que o pertencimento a um movimento de sem-terra” possui na região da Zona da Mata pernambucana, engajar-se em um movimento corresponde a “uma nova possibilidade de inserção social” (ROSA, 2011, p. 46). Citando o exemplo de um dos seus interlocutores, Miguel, que de modo semelhante a algumas pessoas com quem conversei, conheceu, em meio aos “cursos militantes”, “Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, entre outros estados” (ROSA, 2009, p. 160), o autor argumenta: “[...] para alguém que conheceu o Recife, distante menos de cem quilômetros de sua cidade natal, apenas aos 18 anos, ter visitado algumas das principais cidades do país representa muito” (ROSA, 2009, p. 160). Ainda segundo Rosa (2009, p. 162):

[...] o movimento não tem para ele um fim em si mesmo. A admiração e seu orgulho pessoal denotam que sua aventura agora já poderia ser reconhecida, não apenas porque muitas famílias tiveram acesso à terra, mas porque ele tem novas histórias para contar, de suas viagens e das conquistas do movimento. Um movimento que por meio de figuras como ele ganha espaço nas narrativas pessoais e familiares da Zona da Mata.

De modo próximo ao que observou Rosa (2009, 2011), a pesquisa mostrou que para os quilombolas norte-mineiros, o engajamento nos movimentos não tem uma finalidade única. Tampouco suas *andanças* e as motivações dos seus deslocamentos podem ser circunscritas a uma só dimensão. Além disso, para meus companheiros de pesquisa, tão importante quanto participar de um determinado movimento ou *luta* é transformar suas vivências em narrativas. Narrativas que falam dos lugares visitados e conhecidos, das amizades tecidas e que enfocam principalmente o que foi experienciado e aprendido ao longo das *andanças*.

Aqueles que *abraçam a causa quilombola e entram na luta*, têm rotinas marcadas pelos *encontros, cursos, seminários, intercâmbios, reuniões* e outras atividades, estando sempre *andando, rodando e viajando*

para outras comunidades, cidades e estados. Os quilombolas sabem que para garantirem a efetivação dos seus direitos territoriais precisam *correr atrás*, movimentar seus corpos, seguir em suas *caminhadas*, mobilizar suas *redes de parceiros* e fazer outras alianças.

Os *intercâmbios* são uma destas atividades, por meio das quais as lideranças conseguem *visitar* e *conhecer* outros quilombos, terras indígenas, outras comunidades tradicionais, assentamentos e acampamentos. São momentos importantes para rever os conhecidos, *fazer novas amizades*, realizar *trocas de experiências e conhecimentos*, elaborar *estratégias* e tecer alianças. Como chamou atenção uma jovem liderança de Brejo dos Crioulos:

Já saí demais *trocando experiências* com outros povos para trazer *conhecimento* para o território. E, nessas *trocas de conhecimento*, nós ficamos uma semana na aldeia Xakriabá aqui em Minas e também na aldeia Tupinambá na Bahia. Eu não me lembro qual foi o ano, mas nós fomos em uma reunião em Brasília e lá tinha índios, negros, o pessoal do Olodum, tinha um pessoal da Alemanha, um monte de povos ao mesmo tempo, todos lá em Brasília. E quando você vê esse *ajuntamento de gente*, índios, mestiços, ciganos, quilombolas, juntos, você percebe que são nações diferentes, pessoas diferentes com um único objetivo que é lutar pelos seus *direitos*. Aí você desenvolve, para e pensa. Vê que a *luta é feita nesse ajuntamento de gente e nações diferentes*. (Moradora de Brejo dos Crioulos, 2014).

Em Montes Claros, quando perguntei a um representante da Articulação Rosalino de Povos e Comunidades Tradicionais sobre a importância destas atividades, ele foi enfático ao dizer: “[...] o próprio povo não aceita essa forma de educação, que a gente senta numa cadeira e vai ouvir. Eles *aprendem* bem mais nessa *rodagem*, *rodando* e participando de reuniões em vários lugares”. Ainda segundo ele, essa foi uma questão apontada pelos próprios participantes dos eventos promovidos pela Articulação:

O próprio povo apontou isso: que *aprende* bem mais nesses *intercâmbios*, *conhecendo* outros lugares, indo nas reuniões em outras comunidades, participando desses espaços de *luta* que são bem mais relevantes do que ficar em uma sala sentado na frente de um programa de curso. Eles sentados ouvindo as coisas. A *formação* deles é na *luta*, é nesses *intercâmbios*, é nessa *articulação e rodagem*. (Representante da Articulação Rosalino de Povos e Comunidades Tradicionais, Montes Claros, 2016).

A importância destes momentos também pode ser percebida na constituição dos próprios movimentos sociais dos quais os quilombolas fazem parte, como é o caso da própria Articulação Rosalino, entidade que se caracteriza como uma aliança entre os representantes dos diversos povos da região: indígenas, quilombolas, geraizeiros, vazanteiros, veredeiros, caatingueiros e apanhadores de flores sempre-vivas. Batizada com o nome do cacique Xakriabá Rosalino Gomes de Oliveira, assassinado por fazendeiros da região em 1987 (MAGALHÃES; ANAYA, 2015), a articulação surgiu como um dos *encaminhamentos* do “Encontro Regional Povos Comunidades Tradicionais”, realizado em 2011 em Montes Claros (DAYRELL, 2019)¹³.

Além da Articulação Rosalino, as lideranças com as quais me deparei em campo também compõem e se associam a outras organizações e movimentos formados em meio aos encontros e reuniões. A esse respeito, podemos citar a Federação das Comunidades Quilombolas do Estado de Minas Gerais N’ Golo, criada em 2005 após os desdobramentos do “I Encontro Mineiro de Comunidades Negras e Quilombos” (COSTA, 2019); a Coordena-

13 Em sua tese de doutorado, Dayrell (2019, p. 16) também destaca uma série de outros encontros nos quais lideranças norte-mineiras participaram desde 2000 como momentos importantes para a consolidação desta entidade e para “a construção da Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável de Povos e Comunidades Tradicionais”. Segundo o autor, a Articulação Rosalino teve sua inspiração na Comissão Nacional de Desenvolvimento dos Povos e Comunidades Tradicionais (CNPCT), nos seus espaços de diálogo e nos encontros fomentados pela comissão. Para uma discussão detalhada sobre a constituição desta entidade e sua atuação, ver Dayrell (2019). Sobre o surgimento da CNPCT e suas dinâmicas de funcionamento, ver Guedes, Pereira e Mello (2014).

ção Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (CONAQ); a Articulação Vazanteiros em Movimento e o Coletivo Vale dos Quilombos¹⁴.

Por outro lado, como mencionado na seção introdutória deste texto, além de olhar para a circulação de pessoas, outro objetivo do capítulo é descrever como a *luta* quilombola também é feita na movimentação e mobilização de coisas, símbolos, práticas e *tradições*. Nesse sentido, durante o trabalho de campo procurei estar atento à materialidade da *luta*.

Sobre este tema, Leite Lopes e Heredia (2014) chamaram atenção para as diversas “estratégias de visibilização” empregadas pelas lideranças em meio aos eventos. De acordo com esses autores, “[...] a produção de símbolos de reconhecimento (vestimentas, acessórios, músicas, bandeiras) é intensa nesses espaços de interação e afirmação de identidade” (LEITE LOPES; HEREDIA, 2014, p. 25).

Posso afirmar que na maioria dos encontros, reuniões e mobilizações nos quais acompanhei meus companheiros de pesquisa, foi notável observar o cuidado destas pessoas com as vestimentas e os objetos portados no corpo. Muitos costumam comparecer aos eventos trajando camisetas personalizadas das associações, sindicatos, organizações e movimentos sociais dos quais fazem parte. Como me disse o presidente de uma associação comunitária, esta é uma das *tradições* dos quilombolas norte-mineiros:

É costume ter a camisa da associação. Primeiro ponto, você vai no movimento e você *diferencia*, você não precisa de pergun-

14 Ao analisar as mobilizações que resultaram na criação da CONAQ, Souza (2016) também chama atenção para uma série de encontros que antecederam o momento de fundação da entidade quilombola, que aconteceu em Bom Jesus da Lapa (BA) em 1996. Já Anaya (2014, p. 4046), por sua vez, mostra que a Articulação Vazanteiros em Movimento, que se constituiu ao longo da bacia do alto-médio São Francisco desde 2005, tem sua origem nas mobilizações de coletivos “[...] que foram se articulando nesses anos e apoiando as comunidades de Pau Preto, Pau de Légua e Quilombo da Lapinha”. Outro coletivo criado na região, o Vale dos Quilombos, também surge de encontros realizados em comunidades quilombolas dos municípios de Manga e Matias Cardoso.

tar de que comunidade você *pertence*, já tá estampado. Ele é de tal comunidade, ela é de tal comunidade. Sem contar também que entra alguma coisa para a associação. Vão supor que você vai vender uma camisa por uns vinte reais, ou dez reais, que seja, é uma fonte que, de uma forma ou outra, vai ajudar no trabalho da associação. É uma *tradição* nossa aqui da região fazer as camisas. (Morador de Sangradouro Grande, 2017).

Os bonés e as bolsas de tecido também são muito apreciados, uma vez que, tal como as camisetas, carregam siglas, nomes de movimentos, associações, frases, palavras de ordem, ilustrações, imagens e estampas. Os chapéus de palha e de couro, os lenços, turbantes, colares, terços, fitas e pulseiras também são usados com frequência e afirmam, no corpo de quem os portam, o modo de ser quilombola.

Meus companheiros de pesquisa também *levam* para os encontros as bandeiras e *banners* dos movimentos, entidades e das associações. Confeccionam faixas e cartazes que ocupam estes espaços. Como me disse uma interlocutora, *levar* as bandeiras é uma forma de *mostrar a caminhada* e de *impor a presença*: “[...] cada um *leva* a sua, *levanta a sua bandeira*, *mostra a sua caminhada*. Nós estamos identificando que nós estamos ali, que a nossa *presença* tá ali. Mesmo que eles não queiram, nós estamos *impondo a nossa presença*”, enfatizou ela.

Outras coisas que circulam junto aos quilombolas são as sementes, frutas e verduras. Cultivadas *sem veneno*, como costumam enfatizar, são colocadas em exposição e despertam a atenção dos participantes, transformando-se numa oportunidade de os agricultores falarem sobre a origem de sua produção agrícola, das suas formas de cultivo e das *lutas* travadas nos seus territórios. Principalmente quando os produtos vêm de alguma *ocupação* ou *retomada*. Segundo disse um interlocutor de Croatá, esse é também um jeito de *“levar as experiências praticadas no território”*. Depois de expostas, costumam ocorrer as trocas de sementes e a distribuição de verduras e frutas entre os participantes.

Se minha participação nos eventos me possibilitou observar como estas coisas e símbolos circulam nos espaços do movimento quilombola e fazem parte da *luta*, as estadias nas comunidades e o convívio com as lideranças me permitiram compreender o significado que elas possuem na vida cotidiana destas pessoas. Assim como os já mencionados *documentos da luta*, cuidadosamente guardados em pastas, bolsas e malas, as sementes ganhadas nos encontros costumam ser armazenadas nas garrafas PET, potes e sacos plásticos. Muitas delas também são *espalhadas* entre os moradores. Os artesanatos são expostos nas prateleiras das casas. As bandeiras dos movimentos, das associações, as fotografias, os cartazes e os crachás dos eventos também são afixados nas casas, nos bares, nas sedes das associações e *retomadas*. Os bonés, bolsas, camisetas e pulseiras são usados no corpo e guardados como recordações. Todas estas coisas servem para manter viva a *história da luta quilombola*. Dessa forma, através destes artefatos, meus interlocutores narram suas histórias, experiências e as *andanças* realizadas com os movimentos.

As diversas apresentações musicais, cantos, *gritos de ordem*, danças, rezas e as *rodas de batuque* têm lugar garantido ao longo dos eventos e atividades frequentadas pelos quilombolas. Segundo costumam dizer: “*se tiver luta, tem batuque, tem festa*”.

Como relatou uma diretora da Federação N’Golo, “*o batuque é o chão. Se não tiver o batuque, não tem reunião*”:

O *batuque* é ali aonde vai resgatar lá no fundo as nossas raízes, para que a gente entenda. Quando soam os tambores, o *batuque* é tão forte, tão forte, que eu lembro que a gente foi uma vez [...] foi no Rio de Janeiro? Parece que foi, não sei lembrar mais. Aí chegou no Palácio do Governo, pediram para ir no banheiro e eles não aceitaram. Disse que não podia as mulheres irem no banheiro. E o pessoal sentou ali, tacou um tambor para cima. Num instantinho, eles deram banheiro para o povo, mandaram servir café e lanche. Então, o *batuque* ele é muito forte para nós. Para nossa raiz, para os nossos conhecimentos, ele é muito importante. (Diretora da Federação N’Golo, Manga, 2017).

Formado pelos dançarinos, tocadores de pandeiro, triângulo e da *caixa*, um pequeno tambor feito com couro de animal e madeira, o *batuque* inicia-se quando uma grande roda “[...] se abre e todos vão cantando no ritmo de versos. Homens e mulheres de todas as idades vão entrando na roda e sapateando em pares. Geralmente a pessoa que está no centro da roda convida outra pessoa para *entrar e batucar*” (MOURTHÉ, 2015, p. 129-130). A *caixa* é o instrumento que dita o ritmo do *batuque* e dos versos cantados. Quem canta os versos tem a responsabilidade de *puxar o batuque*. Quando isso acontece as pessoas vão *acompanhando a brincadeira*.

Em suas *andanças* pelo mundo dos movimentos, os quilombolas que fazem parte dos *grupos de batuque* costumam *carregar* seus instrumentos e os chamados *conjuntos de batuque*, que compõem, junto com as pessoas, as *rodas e apresentações*¹⁵. “É a *tradição* que nós temos da terra aqui do Brejo. Toda vez que vai na reunião, encontro, nós *levamos*. O povo sempre pede o *grupo do batuque*”, disse-me um dos integrantes do *grupo* do quilombo. “Eu já *rodei* esse mundo *batucando*. Eu e minha *caixa*”, comentou outra interlocutora, uma das principais articuladoras do *batuque* em Brejo dos Crioulos.

Assim como as pessoas *viajam, conhecem* outros lugares, outros *companheiros* e organizações em suas *andanças* com os movimentos, o mesmo pode ser afirmado em relação àqueles que estão envolvidos nos *grupos de batuque* e são encarregados, em meio à *luta*, de *levar a brincadeira* para os eventos do movimento quilombola.

Em Brejo dos Crioulos, enquanto conversava com uma interlocutora sobre a sua participação na *luta pelo território*, ela me disse que foi apenas quando passou a “*sair e participar das reuniões e viagens*”, que ela *começou a aprender*: “[...] eu acredito que desde a época que eu *comecei a sair*,

15 Os *conjuntos de batuque* são formados por camisetas personalizadas e por lenços e saias, vestimentas usadas pelas mulheres. Ao *levarem o batuque* para os eventos, os quilombolas também têm o hábito de enfeitarem seus instrumentos.

participar de reunião, foi que eu comecei a *saber dos direitos* [...]. Porque você vai *aprendendo, conhecendo e sabendo* das coisas”, disse ela.

Para outra liderança do quilombo, a vida daqueles que se engajam na *luta* é uma “*vida em movimento*. De uma reunião para outra” ou, “de um acampamento para outro”, na qual “nunca se fica num lugar só. É *andando* para todo lado, e o pessoal atrás”. De modo análogo ao que relataram outros interlocutores, ele disse: “quem me ensinou foi o povo, no dia a dia do campo, acompanhando o povo, nas ocupações, *viajando*. Aí eu só fui aprendendo”.

No decorrer da pesquisa, assim como destacado nessas narrativas, em outras conversas travadas com meus interlocutores muitos deles enfatizaram que são nas *andanças, caminhadas, viagens e saídas* que eles *aprendem*, adquirem *conhecimentos, ganham experiência, sabedoria* e passam a ter *entendimento* sobre determinados assuntos. Tais narrativas me fizeram perceber que a *luta* exige dos quilombolas um modo de engajamento no qual o *movimento* é central, estando relacionado a tipos variados de conhecimentos e aprendizados que são adquiridos e produzidos ao longo de suas *andanças*.

A relação entre mobilidade, aprendizagem e produção de conhecimento é um tema caro para a antropologia. No trabalho de Ingold (2015, p. 12), o autor enfatiza a “primazia do movimento” e defende a ideia de que a vida não é vivida apenas “em um lugar”, mas “ao longo de trilhas, ou caminhadas” (INGOLD, 2015, p. 12). Para Ingold (2015, p. 122), a vida se traduz em movimento, “onde quer que haja vida, há movimento”. “Ser, eu diria agora, não é estar *em* um lugar, mas estar *ao longo* de caminhos. O caminho, e não o lugar, é a condição primordial do ser, ou melhor, do tornar-se” (INGOLD, 2015, p. 38, grifos do autor). De acordo com aquele que é, segundo este autor, o principal argumento do seu livro:

[...] mover, conhecer e descrever não são operações separadas que se seguem umas às outras em série, mas facetas paralelas do mesmo processo – aquele da vida mesma. É movendo-nos que

conhecemos, e é movendo-nos também que descrevemos. (INGOLD, 2015, p. 13).

Na pesquisa de Aporta (2004), realizada junto aos Inuit de Igloodik, no Ártico canadense, o autor argumenta que o movimento tem uma importância fundamental na cultura deste povo. “Viajar” é algo central para os Inuit, “um modo de ser” e não “uma atividade transitória de ir de um ponto A para um ponto B. A vida acontece enquanto se viaja” (APORTA, 2004, p. 13, tradução minha). Como ocorre ao longo das *andanças* quilombolas, nas viagens Inuit as pessoas se encontram, conversam, aprendem e realizam uma série de atividades. Além disso, o autor nos mostra como o conhecimento dos trajetos é aprendido enquanto se viaja ou, através de relatos orais. Narrar uma “história de viagem” é, segundo Aporta (2004, p. 26, tradução minha), “tão importante quanto a própria viagem”.

Este aspecto também é destacado no trabalho de Guedes (2011, p. 185), desenvolvido no Norte de Goiás, em Minaçu, no qual, para seus interlocutores, “falar sobre o trecho (ou o *mundo*) é quase tão importante quanto percorrê-lo”. Em sua etnografia, o autor explora os diferentes sentidos, ideias e valores atribuídos por essas pessoas à mobilidade.

Alves (2016, p. 12) também analisa os “múltiplos movimentos das famílias de Pinheiro”. A autora propõe “encarar o movimento como motor existencial dessas pessoas” (ALVES, 2016, p. 15). Tal como as *andanças* dos quilombolas norte-mineiros, Alves (2016) descreve como seus interlocutores vão conhecendo outros lugares e vivenciando novas experiências, seja por meio do movimento quilombola ou de suas *saídas para trabalhar*. O contato com agentes externos e com outros *companheiros* faz parte da dinâmica da vida destas pessoas. Para os quilombolas de Pinheiro, que conhecem os moradores de Brejo dos Crioulos e até oram para eles em virtude dos conflitos territoriais vividos na comunidade, quanto “[...] mais se *anda*, mais *sabedoria* se tem, seja de outras realidades e lugares [...] ou seja sobre burocracias e sobre *política*” (ALVES, 2016, p. 64, grifos da autora).

Inspirado nessas e em outras etnografias¹⁶, procuro pensar as *andanças* dos quilombolas norte-mineiros não apenas como deslocamentos físicos realizados entre diferentes lugares. Ao invés disso, a ideia é refletir sobre estes e outros *movimentos* como uma maneira singular dos meus interlocutores habitarem e agirem no mundo. Ou, melhor dizendo, de habitarem os mundos por entre os quais circulam e fazem a *luta*.

As minúcias da mobilização

Por outra perspectiva, para garantir suas presenças e as dos demais participantes nos eventos, as lideranças precisam realizar um trabalho árduo, que muitas vezes exige ações em rede. Na *mobilização*, além de contarem com o apoio de prefeituras, vereadores e sindicatos, costumam acionar e receber o suporte dos *parceiros* e movimentos. O uso do telefone celular é fundamental para garantir o sucesso dessas ações. Por meio das ligações, as lideranças são convidadas para os eventos e as viagens, passam a se inteirar sobre o andamento de outras *lutas*, sobre as *visitas* dos *parceiros* às suas comunidades e são informadas da vinda de membros de outras instituições e representantes de órgãos governamentais aos quilombos. Através dos telefonemas atores são conectados, estratégias são definidas, negociações são efetivadas e denúncias são feitas.

Como observaram Comerford, Almeida e Palmeira (2014, p. 82), o uso de aparelhos celulares, internet e aplicativos fomentam a “[...] imediata comunicação entre as várias instâncias do movimento, até mesmo com comunidades distantes e de acesso difícil, em contraste com o que acontecia

16 Outras referências são Clifford (1997, 2000), Ellis (1997), Machado (2002), Urry (2007), Carneiro (2010), Legat (2009), Vergunst (2009, 2011), Vieira (2015), Dainese (2016), Grund (2017), as coletâneas organizadas por Comerford; Carneiro e Dainese (2015), Comerford e Andriolli (2015), Mourthé, Acypreste e Luz de Oliveira (2018) e os trabalhos de Harris (2017a, 2017b). Para uma revisão bibliográfica a respeito da literatura antropológica sobre mobilidades, ver, por exemplo, Salazar (2013). Sobre estudos que enfocam este tema em diferentes áreas do conhecimento, ver Sheller e Urry (2006).

até há poucos anos”. No entanto, vale ressaltar que, mesmo com as facilidades propiciadas pelos telefones celulares e pelo acesso à internet móvel no universo rural, a instabilidade do sinal telefônico e a lentidão da internet ainda são problemas enfrentados diariamente pelos quilombolas. Para lidarem com esta situação, os moradores recorrem a alguns lugares estratégicos nos territórios, onde a qualidade do sinal é melhor e onde é possível fazer e receber ligações com mais facilidade. Como disse um interlocutor de Brejo dos Crioulos: “às vezes, se não pega ali, o cara já vai num pé de manga, num barranco ou em cima da cerca, no lugar onde pega”.

Outra forma de divulgar os encontros quilombolas são os anúncios feitos nas rádios. Como chamamos atenção em outro texto:

Apesar de não ser mais a única ferramenta de transmissão de recados, os rádios são ouvidos em todas as casas pelas manhãs e, quando trazem um anúncio das atividades da associação, propiciam um intenso *falatório*, de casa em casa e entre comunidades vizinhas. (MOURTHÉ; ALVES, 2015, p. 197).

Em Brejo dos Crioulos, para anunciarem os eventos e acontecimentos relacionados ao quilombo, os moradores também costumam fazer uso dos fogos de artifício. O *foguete* é um *aviso* que funciona em diferentes situações. Costuma-se soltar *foguetes* momentos antes das reuniões, seja para avisar as pessoas sobre o início dessas atividades ou para atraí-las, aumentando, assim, o público presente; durante os encontros, as festas, *rodas de batuque* e outras celebrações; na hora de avisar sobre a chegada e partida dos veículos aguardados para *levar o povo* nas *viagens*; e, principalmente, quando algum desconhecido adentra o território quilombola sem o consentimento prévio dos moradores.

O estouro e o barulho dos fogos provocam a *movimentação de gente*. Os motoqueiros geralmente são os primeiros a chegarem no local a fim de *assuntarem* o que está acontecendo: “sempre desce um motoqueiro primeiro, vai lá *assuntar* e já volta avisando para o povo o que aconteceu. Aí vai descendo um monte de gente para lá”, explicou um companheiro de

pesquisa. As motos são o meio de transporte mais utilizado em Brejo dos Crioulos. Homens, mulheres, jovens e adultos fazem uso das motocicletas em seus deslocamentos dentro do quilombo, nas idas às localidades vizinhas e em suas incursões às cidades. Preferidas no *trabalho* das lideranças, as motocicletas são usadas na hora de *rodar as comunidades, convidar e chamar o povo* para os encontros, reuniões e viagens.

Poucos moradores possuem carros; entretanto, a Associação Quilombola dispõe de um desses veículos, usado nas mobilizações realizadas no território e nas *viagens* relacionadas à *luta*. As carroças, charretes, cavalos e bicicletas também são utilizados no cotidiano. Os carros de boi ainda são vistos circulando.

Nos quilombos de Januária, além dos meios de transporte citados anteriormente - utilizados em menor escala se comparados a Brejo dos Crioulos - por estarem localizados na margem esquerda do São Francisco, os quilombolas também usam os barcos em suas *andanças* pelo rio, nos deslocamentos cotidianos ou na hora de seguirem para os eventos que ocorrem nos municípios e nas comunidades situadas em sua beira.

A mesma observação vale para o quilombo de Praia, localizado na margem direita do São Francisco. Além disso, para se deslocarem de Matias Cardoso a Manga e terem acesso às estradas que levam a outras microrregiões do Norte de Minas e a outras partes do estado, os moradores de Praia e de outras localidades também costumam *pegar a balsa*. A embarcação sai a cada meia hora e o transporte dos passageiros é gratuito. Aos veículos (motos, carros e caminhões) é cobrada uma taxa que varia de acordo com o porte de cada um. O trânsito no rio e nos portos é acentuado na região.

No dia a dia das comunidades, a movimentação das pessoas é sempre motivo de observações e comentários. Seja por parte dos que se encontram no interior das casas, varandas, quintais, das pessoas que estão nos bares, vendas e calçadas, ou até mesmo por parte dos que estão andando. Os quilombolas estão sempre atentos e *assuntando* o que acontece ao seu redor. O termo *assuntar* é muito utilizado nas comunidades da região. Uma situação típica, vivenciada inúmeras vezes no trabalho de campo, é ser surpreen-

dido durante uma conversa por outra pessoa que não estava participando da prosa desde o início. Aquele que chega para *assuntar*, pode ou não, na hora que lhe for conveniente, intervir ou dar sua opinião sobre determinada questão. O verbo também possui um sentido de mobilidade, pois geralmente os que estão *assuntando* se encontram em *movimento*, circulando a pé ou de moto pelas casas, pelas vendas, pelos bares, pela sede da associação quilombola e por outros lugares. Como resumiu um conhecido, “aqui em Brejo é assim, o povo sempre vai *assuntando*. E um vai entrando no caso do outro”.

Muitos sabem de cor as características das motos e dos carros de seus vizinhos, parentes e amigos. Conhecem seus modelos, cores e acessórios, bem como os equipamentos de som automotivo adquiridos, as modificações feitas nas rodas e em outras partes dos veículos, os adesivos afixados e outras eventuais mudanças realizadas. Alguns moradores são capazes até mesmo de identificar o movimento das pessoas pelo barulho emitido por seus veículos. Algo próximo do que observou Comerford (2003, 2014) em relação aos habitantes das áreas rurais da Zona da Mata Mineira e do Vale do Jequitinhonha. Segundo este autor:

[...] o enredamento desse modo de observação com modalidades de conversa – que vão de breves comentários a desdobradas narrativas – permite que cada pessoa ou família produza e avive continuamente um importante conhecimento, cercado de expectativa e atenção, de padrões e formas de movimentações usuais dos outros e também dos seus (aqueles considerados próximos em dado momento), bem como de movimentações inusitadas, excepcionais, estranhas, alarmantes ou inaceitáveis. (COMERFORD, 2014a, p. 114).

Em todos os lugares percorridos, aqueles que não dispõem de veículos particulares, animais ou embarcações, costumam caminhar a pé em suas *andanças* pelos territórios, lançar mão das caronas dos parentes e amigos ao se dirigirem às vizinhanças ou à cidade e, principalmente, uti-

lizar as linhas de ônibus que realizam diariamente o trajeto dos quilombos até às sedes municipais.

Ao longo dessas viagens as pessoas se encontram, conversam e se atualizam sobre assuntos diversos, tornando os deslocamentos mais agradáveis. Devido às condições das estradas de terra, as viagens costumam demorar bem mais do que o esperado¹⁷. No decorrer do percurso são realizadas paradas para o embarque dos passageiros em cada localidade situada no caminho, facilitando e aumentando o *movimento* de pessoas e coisas pelas comunidades e estradas da região. No interior dos ônibus e nos seus bagageiros os quilombolas levam de tudo. Verduras, frutas, folhas, grãos e outros produtos agrícolas, temperos, biscoitos, fatias, bolos, queijos, doces, ovos, aves, selas e até mesmo eletrodomésticos. Durante uma de minhas primeiras viagens em um desses veículos, presenciei um morador de Brejo dos Crioulos negociando com o motorista o valor a ser pago pelo transporte de uma geladeira e de um tanquinho, levados no seu bagageiro.

Muitos dependem dos ônibus para transportarem e comercializarem seus produtos nas feiras livres e nos mercados municipais localizados nas cidades. Como os veículos geralmente partem bem cedo e somente retornam para a zona rural no final da tarde, cada morador aproveita sua ida para *ajeitar* uma série de questões na *rua*: fazer a feira e outras compras, passar no mercado municipal e no sindicato, ir ao banco receber o salário, a aposentadoria ou o Bolsa Família, ir ao correio, realizar consultas e tratamentos médicos, e, é claro, *visitar* os amigos e parentes.

Aqueles que dependem exclusivamente dos ônibus para irem às reuniões e atividades realizadas nas sedes municipais dependem praticamente um dia inteiro para frequentarem eventos que duram poucas horas.

17 Em Brejo dos Crioulos, por exemplo, em situações normais, para se percorrer os 35 km de estrada de terra que separam o quilombo da sede do município de São João da Ponte gasta-se entre duas horas e meia e três horas de viagem, aproximadamente. No período chuvoso, por conta das condições das estradas, os deslocamentos são bem mais longos e os ônibus e outros veículos costumam atolar e quebrar no caminho. Certas vezes, as condições de trafegabilidade são tão ruins que o transporte via ônibus é interrompido.

Para estas pessoas, os sindicatos e outros locais de referência acabam sendo lugares de passagem e parada durante o tempo em que permanecem na cidade. Muitos aproveitam a estrutura dos sindicatos, das casas de seus parentes e os comércios dos seus conhecidos para “deixar volumes enquanto vão resolver outras coisas na *rua*” (COMERFORD, 2003, p. 293, grifos do autor)¹⁸. No retorno aos quilombos, as pessoas normalmente voltam com suas sacolas, bolsas de tecido e caixas de papelão carregadas com as *feiras* e outras coisas adquiridas na cidade. Os comerciantes também aproveitam estas viagens para enviarem produtos de todos os tipos para os moradores da zona rural. Conforme o ônibus circula, as mercadorias vão sendo entregues e outros pedidos vão sendo feitos.

Na organização de encontros e atividades realizadas nos quilombos, as lideranças também podem fazer uso dos ônibus para receberem encomendas de alimentos, bebidas, pratos, copos e talheres descartáveis, bem como outras coisas utilizadas nestas ocasiões; geralmente, aquilo que não é encontrado nas mercearias locais. Dependendo da dimensão dos eventos e da quantidade de produtos adquiridos, os próprios armazéns e supermercados são encarregados de transportarem as mercadorias até as comunidades. O mesmo ocorre com as tendas e os equipamentos de som, que, quando alugados, são levados até os quilombos. Contudo, para garantirem que essas coisas cheguem no local dos eventos com antecedência e na hora

18 Em Montes Claros, algumas organizações e movimentos também mantêm *casas* no município, que são usadas para *acolher* quilombolas, camponeses e outros povos e comunidades tradicionais. Além de se hospedarem nesses locais durante os eventos, as pessoas aproveitam a estrutura dessas *casas* no período em que estão na cidade. De modo análogo à função que possui o sindicato e outros lugares de referência localizados nas sedes-municipais, em meio a suas *andanças* elas também costumam *passar* nesses locais e nas sedes dos movimentos e organizações. Ali aguardam pelo horário de retorno dos ônibus e *táxis*, *passam* para ver os conhecidos que atuam nessas organizações e vão em busca de informações e orientações. Os quilombolas também costumam deixar seus pertences nesses locais enquanto vão na *rua* ou seguem para *visitar* os parentes que moram na cidade. Essas *casas* também são usadas quando as pessoas precisam se deslocar até Montes Claros para realizarem tratamentos de saúde, consultas e exames médicos. Sobre este tema, ver Carcelle (2018).

desejada, as lideranças precisam se certificar por meio das ligações telefônicas, *negociar* e, em alguns casos, até *cobrar* os responsáveis por esses serviços.

Nos deslocamentos para eventos que ocorrem em outras cidades ou em comunidades distantes dos municípios de origem, quando não *viajam* nos ônibus intermunicipais ou interestaduais, nos veículos das associações, ônibus e vans fretados pelos movimentos, *parceiros* ou *articulados* pelas lideranças, os quilombolas preferem *viajar* nos *táxis* que diariamente circulam pelos municípios da região. Assim como os motoristas dos ônibus, os taxistas levam e trazem encomendas, recados, transportam cartas, documentos, realizam pagamentos e serviços variados. Durante o trabalho de campo, presenciei o presidente de uma Associação Quilombola *correndo atrás* para garantir que alguns documentos da entidade chegassem até Montes Claros. Os *papéis* precisavam ser entregues até o fim do dia para que um técnico fizesse a inscrição da associação num concurso voltado aos povos e comunidades tradicionais. Foi recorrendo a um *taxista* conhecido que ele conseguiu fazer com que os documentos chegassem à sede da organização algumas horas depois.

A preferência por este meio de transporte se deve ao fato de os deslocamentos serem mais rápidos se comparados aos ônibus de linha, devido ao preço pago pelo serviço ser mais barato e por suas comodidades. Um arranjo comum, observado no decorrer da pesquisa, foi ver lideranças de uma mesma comunidade ou de localidades diferentes, porém próximas, *fechando um táxi* em suas idas para os encontros e reuniões. Alguns *taxistas* costumam buscar os moradores nos próprios quilombos e deixá-los diretamente nos locais onde estão sendo realizados os eventos. Já outros preferem esperar os passageiros nas rodoviárias e nos demais *pontos* localizados nas cidades: geralmente nas proximidades do mercado municipal ou de alguma praça; na porta de algum armazém ou lanchonete; ou em algum posto de gasolina.

Em Montes Claros, um desses *pontos* muito frequentado pelos moradores do universo rural é a Casa de Carnes Socomil, popularmente conheci-

da como *Socomil*, localizada na avenida Arthur Bernardes, no centro da cidade. Assim como outros *pontos*, a *Socomil* é um local de partida, chegada e de encontros. Ali é possível achar uma infinidade de *taxistas* esperando ou indo atrás de passageiros para seguirem para as cidades e comunidades da região. Os ônibus que partem da rodoviária de Montes Claros em direção a esses lugares também param nos pontos localizados nas proximidades da *Socomil* para o embarque dos passageiros. Essa configuração facilita muito a vida daqueles que *viajam* da zona rural para participarem dos eventos ou para *resolverem* algo em Montes Claros; normalmente, aquilo que não é encontrado com facilidade ou que não pode ser *resolvido* nas cidades de origem. A maioria das lojas e dos serviços públicos e privados está concentrada na área central da cidade. O *movimento* de pessoas, veículos e coisas é intenso na região. Caso seja necessário, aquele que desembarca na *Socomil* encontra com facilidade um mototáxi, que pode transportá-lo até outras regiões de Montes Claros.

Foi recorrendo a cada um desses meios de transporte, como fazem meus interlocutores, umas vezes na companhia deles e outras sozinho, que realizei minhas *andanças* durante a pesquisa. Partindo de Montes Claros, seguia de *táxi* ou ônibus até as sedes municipais. De lá, dependendo do horário de chegada, tomava um ônibus para a zona rural ou negociava outra viagem com algum mototaxista ou *taxista*. Outras vezes, pegava carona nos veículos dos *parceiros* e pesquisadores, aproveitando seus deslocamentos até as comunidades.

Nos quilombos, na maioria das vezes, eu caminhava a pé por estradas, atalhos, *trieiros* e *carreiros*¹⁹. Quase sempre acompanhado de um companheiro de *andanças*. Ao longo destes percursos, várias conversas foram realizadas. A passagem por certos lugares acionava lembranças e narrativas. Seja andando ou parando nestes locais, meus companheiros narravam suas histórias de vida, contavam casos e relatavam eventos que haviam sido vivenciados por eles por seus conhecidos, parentes ou antepassados. Como

19 Os *trieiros* e *carreiros* são caminhos ou trilhas que cortam as comunidades.

percebeu Comerford (2003, p. 81), nestas situações, “a própria paisagem ou geografia local acaba funcionando como propiciadora dessas narrativas”.

Em deslocamentos mais distantes, costumava pegar carona nas motocicletas. Isso, graças à boa vontade dos meus conhecidos, que gentilmente aceitaram me levar na garupa de suas motos e circularam comigo numerosas vezes entre as localidades, comunidades e delas para as sedes municipais. *Andando junto* com meus companheiros pelo mundo dos movimentos, também viajei nos *táxis* e ônibus.

Ao procurar descrever, nesta seção, os modos como os quilombolas realizam suas *andanças*, *mobilizam* seus companheiros e assim também fazem suas *lutas*, meu objetivo foi não deixar de olhar para aquilo que um dos meus interlocutores chamou de “*as minúcias dessas mobilizações*”, ao mencionar a importância de tratar deste tema na pesquisa.

Reflexões finais: do movimento quilombola ao mundo dos movimentos

Entrevistador: Há uma luta nacional organizada dos quilombos em busca da demarcação das terras?

Antônio Bispo: É exatamente pelo fato de não ser uma luta nacional que os quilombos ainda existem. Cada quilombo é um quilombo. Não existe ingerência de um sobre o outro. Então, o que há é uma articulação nacional, mas a luta é regionalizada, específica. Isso é o que nos faz continuar sobrevivendo.

O trecho acima foi extraído de uma entrevista concedida por Antônio Bispo dos Santos ao jornal belo-horizontino O Tempo²⁰. Bispo esteve na capital mineira no mês de maio de 2018, durante o “3º Canjerê Festival da Cultura Quilombola de Minas Gerais”, um dos eventos que acompanhei no decorrer

20 Antônio Bispo dos Santos é escritor, poeta e liderança quilombola. Escreve artigos e livros sobre esta temática. Ver por exemplo, Santos (2015, 2016, 2018). A entrevista está disponível em: <https://www.otempo.com.br/divers%C3%A3o/magazine/encruzilhadas-no-caminho-1.1610633>.

da pesquisa. A formulação precisa de Bispo vai ao encontro do que a realização do trabalho de campo me possibilitou enxergar, como a *luta* quilombola na região do Norte de Minas é: “regionalizada, específica”. A pesquisa me permitiu aprender a diversidade de movimentos, pessoas e instituições – entidades quilombolas, de povos e comunidades tradicionais, articulações, federações, ligas, advogados, antropólogos, organizações e agentes ligados à Igreja Católica, ONGs, técnicos, movimentos camponeses, de pescadores, de vazanteiros, associações, dentre outros – que compõem de modos distintos e através de intensidades diferentes, a *luta* quilombola no Norte de Minas Gerais.

Portanto, mesmo que no decorrer do texto a expressão movimento quilombola apareça em algumas passagens, não é minha intenção tratá-lo como um bloco monolítico; pelo contrário, a pesquisa indicou diversos movimentos quilombolas, constituídos através de articulações locais, microrregionais ou regionais. Mostrou também como as lutas pelos territórios são feitas por meio do engajamento ou da associação dos quilombolas com outros movimentos sociais, povos e organizações. Aliás, como ressaltaram Comerford, Almeida e Palmeira (2014, p. 81) “[...] a heterogeneidade e a dificuldade de estabelecer os limites do que sejam movimentos revelam algo a sempre se ter em conta nas análises”. Muitos interlocutores também atuam simultaneamente em mais de um movimento, entidade quilombola ou de povos e comunidades tradicionais. Participam, ou já participaram, de associações comunitárias, sindicatos de trabalhadores rurais, conselhos municipais, estaduais e de movimentos camponeses. E foi justamente para não perder de vista essa multiplicidade que optei, inspirado em algumas etnografias e nas próprias formulações dos meus interlocutores, por também utilizar a expressão “mundo dos movimentos” para caracterizar o mundo pelo qual os quilombolas norte-mineiros circulam e fazem a *luta*.

Luta, que, como busquei descrever ao longo do capítulo, é feita em *movimento*, na circulação de pessoas, conhecimentos, coisas, símbolos, práticas e *tradições*. Assim como as pessoas *entram na luta* ou no *movimento*, elas também circulam entre os próprios movimentos sociais,

organizações, e podem assumir diferentes posições no decorrer das suas trajetórias. Termos e expressões como *andar*, *andanças*, *animar*, *assuntar*, *caminhadas*, *correr atrás*, *giros*, *ir para frente*, *ir avante*, *rodar*, *rodagem*, *sair*, *sair para fora*, *seguir em frente*, *vida em movimento*, *vida de movimento*, *viajar*, *visitar*, entre outros, compõem um conjunto de categorias e expressões que são sempre acionadas pelos quilombolas norte-mineiros quando narram suas histórias e experiências vivenciadas no mundo dos movimentos. Um “vocabulário” que evoca “ideias de mobilidade e movimento”, como observou Guedes (2011, p. 31) e, de modo próximo, Grund (2017)²¹.

Por outro lado, ao seguirem em suas *caminhadas*, os quilombolas levam consigo suas práticas e ideias que também são postas em circulação e mobilizadas por outros povos e organizações. Em suas *andanças*, levam consigo suas bandeiras, suas vestimentas, seus adereços, seus instrumentos, suas músicas, seus *gritos de ordem*, suas rezas e o seu *batuque*. Todos esses elementos, que circulam junto as pessoas, são componentes do fazer político quilombola. Como dizem meus interlocutores “*o povo está sempre em movimento*”, “*O povo não para o povo gira*”. Além de serem constituintes das *lutas* territoriais da região, as *andanças* também são imanes aos modos quilombolas de viver e habitar seus territórios. *Movimentos* que produzem conhecimentos, relações e ampliam as redes e conexões desses coletivos com outros povos, movimentos sociais e *parceiros*; afinal, como me disse um amigo de Brejo dos Crioulos: “*pedra que não anda dá lodo*”.

Referências bibliográficas

ALVES, Yara de Cássia. *A casa raiz e o vôo de suas folhas: Família, Movimento e Casa entre os moradores de Pinheiro-MG*. 2016. 179 f. Dissertação

21 Além da já mencionada pesquisa de Guedes (2011), Grund (2017, p. 26), em sua etnografia junto aos Makushi da Guiana, aborda a “terminologia de viagem” daquele povo, destacando os termos usados pelos próprios Makushi ao descreverem seus movimentos.

(Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, São Paulo: Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

ANAYA, Felisa Cançado. Vazanteiros em movimento: o processo de ambientalização de suas lutas territoriais no contexto das políticas de modernização ecológica. *Ciência e Saúde Coletiva* (Impresso), v. 19, p. 4041-4050, 2014.

APORTA, Claudio. Routes, trails and tracks: Trail breaking among the Inuit of Igloodik. *Études/Inuit/Studies*, v. 28, p. 9-38, 2004.

BRASIL. Constituição [1988]. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 2006.

CARCELLE, Sébastien. Os que ficam. Notas etnográficas sobre ritmos, movimentos e estratégias de sobrevivência no município de Serranópolis de Minas. *Argumentos*, Montes Claros, v. 15, p. 54-67, 2018.

CARNEIRO, Ana Carneiro. *O Povo parente dos Buracos*: mexida de prosa e cozinha no cerrado mineiro. 2010. 373 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

CLIFFORD, James. *Routes*: Travel and translation in the Late Twentieth Century. Harvard: Harvard University Press, 1997.

CLIFFORD, James. Culturas Viajantes. In: ARANTES, Antônio (org.). *Espaço da diferença*. Campinas: Papiрус, 2000. p. 50-80.

COMERFORD, John Cunha. *Fazendo a luta*: sociabilidade, falas e rituais na construção de organizações camponesas. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999.

COMERFORD, John Cunha. *Como uma família*. Sociabilidade, territórios de parentesco e sindicalismo rural. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

COMERFORD, John Cunha. Vigiar e narrar. Sobre formas de observação, narração e julgamento de movimentações. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 57, p. 107-142, 2014.

COMERFORD, John Cunha; ALMEIDA, Luciana Schleder; PALMEIRA, Moacir. O mundo da participação e os movimentos rurais: entre mobilizações, espaços de interlocução e gabinetes. In: LOPES, José Sergio

Leite; HEREDIA, Beatriz (org.). *Movimentos sociais e esfera pública: o mundo da participação*. 1. ed. Rio de Janeiro: Colégio Brasileiro de Altos Estudos, 2014. p. 67-88.

COMERFORD, John Cunha; CARNEIRO, Ana; DAINESE, Grazielle (org.). *Giros etnográficos em Minas Gerais: casa, comida, prosa, festa, briga, política e o diabo*. 1. ed. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2015.

COMERFORD, John Cunha; ANDRIOLLI, Carmen Silva (org.). Dossiê movimentos e práticas de circulação em coletividades rurais. *Ruris – Revista do Centro de Estudos Rurais, Campinas*, v. 9, p. 1, 2015.

COSTA, João Batista de Almeida. *A formação do movimento quilombola em Minas Gerais e a criação da N'Golo: breve histórico*. 2019. Disponível em: https://www.cedefes.org.br/wp-content/uploads/2019/11/Texto-1_Jo%C3%A3o-Batista.pdf. Acesso em: 19 mar. 2021.

DAINESE, Grazielle. Movimento e animação das festas, visitas, andanças e chegadas. *Mana*, v. 22, p. 641-669, 2016.

DAYRELL, Carlos Alberto. *De nativos e de caboclos: reconfiguração do poder de representação de comunidades que lutam pelo lugar*. 2019. 456 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Social) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social, Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros, 2019.

ELLIS, Rebecca. *A Taste of Movement: An Exploration of the Social Ethics of the Tsimanes of Lowland Bolivia*. PhD thesis. St. Andrews: University of St. Andrews, 1997.

GRUND, Lisa. *Aasenikon! Makushi travelogues from the borderlands of Southern Guyana*. PhD thesis. St. Andrews: University of St. Andrews, 2017.

GUEDES, André Dumans. *O Trecho, as mães e os papéis: movimentos e durações no norte de Goiás*. 2011. 469 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

GUEDES, André Dumans; PEREIRA, José Carlos Matos; MELLO, Marcelo Moura. Conflitos, visibilidades e territórios. A participação social na perspectiva dos povos e comunidades tradicionais. In: LEITE LOPES, José

Sérgio; HEREDIA, Beatriz (org.). *Movimentos sociais e esfera pública: o mundo da participação*. 1. ed. Rio de Janeiro: Colégio Brasileiro de Altos Estudos, 2014. p. 89-119.

HARRIS, Mark. Descobrindo conexões ao longo do rio no Baixo Amazonas, Brasil. *Anuário Antropológico*, Brasília, v. 42, p. 111-135, 2017a.

HARRIS, Mark. *Rebelião na Amazônia: cabanagem, raça e cultura popular no Norte do Brasil, 1789-1840*. Campinas: Editora da Unicamp, 2017b.

INGOLD, Tim. *Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.

INGOLD, Tim; VERGUNST, Jo Lee. Introduction. In: INGOLD, Tim; VERGUNST, Jo Lee (ed.). *Ways of walking: ethnography and practice on foot*. Surrey, UK: Ashgate Publishing, 2008. p. 1-19.

LEGAT, Alices. Walking stories; leaving footprints. In: INGOLD, Tim; VERGUNST, Jo Lee (ed.). *Ways of walking: ethnography and practice on foot*. Surrey, UK: Ashgate Publishing, 2008. p. 35-51.

LEITE LOPES, José Sérgio; HEREDIA, Beatriz Maria Alasia de. Introdução. In: LEITE LOPES, José Sérgio; HEREDIA, Beatriz (org.). *Movimentos sociais e esfera pública: o mundo da participação: burocracias, confrontos, aprendizados inesperados*. 1. ed. Rio de Janeiro: Colégio Brasileiro de Altos Estudos, 2014. p. 19-41.

LOERA, Nashieli Rangel. *Tempo de acampamento*. 2009. 283 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

MACHADO, Igor José de Renó. Lugar ampliado, espaço e poder. *Campos*, Curitiba, Paraná, v. 2, p. 101-116, 2002.

MAGALHÃES, Maria Clara Dourado; ANAYA, Felisa Cançado. Articulação Rosalino: uma análise acerca da Reserva Indígena Xacriabá. In: UNIMONTES. *9º Fórum Ensino, Pesquisa, Extensão, Gestão*. Montes Claros: Unimontes, 2015.

MORAWSKA VIANNA, Anna Catarina. A trilha dos papéis da usina Hidrelétrica de Belo Monte: Tecnologias de cálculo e a obliteração da perspectiva dos povos impactados. *Revista Antropológicas*, v. 25, p. 22-40, 2014.

MOURTHÉ, Pedro Henrique. *Entre os documentos e as retomadas: movimentos da luta pelo território em Brejo dos Crioulos (MG)*. 2015. 162 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2015.

MOURTHÉ, Pedro Henrique. Entre os documentos e as retomadas: movimentos da luta quilombola em Brejo dos Crioulos (MG). In: ELBAUM, Lúcia; SCHUCH, Patrice; CHAGAS, Gisele (org.). *Antropologia e Direitos Humanos VII*. 1. ed. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Antropologia, 2017. p. 81-113.

MOURTHÉ, Pedro Henrique. *Andanças, movimentos e luta quilombola no Norte de Minas Gerais*. 2021. 290 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2021.

MOURTHÉ, Pedro Henrique. Sem papel não dá para fazer nada: reflexões sobre os documentos e seus efeitos em Brejo dos Crioulos. In: MORAWSKA VIANNA, Anna Catarina (org.). *Engajamentos coletivos nas fronteiras do capitalismo*. São Carlos: EdUFScar, 2021. p. 133-147. (no prelo).

MOURTHÉ, Pedro Henrique; ACYPRESTE, Izadora Pereira; OLIVEIRA, Cláudia Luz de (org.). Lugares de vida: coletivos rurais, cotidiano e movimentos. *Argumentos*, v. 15, p. 4-11, 2018.

MOURTHÉ, Pedro Henrique; ALVES, Yara de Cássia. Multiplicidades do movimento: um experimento etnográfico sobre duas caminhadas quilombolas. *Cadernos de Campo*, v. 23, p. 183-201, 2015.

ROSA, Marcelo. Biografias e movimentos de luta por terra em Pernambuco. *Tempo Social*, v. 21, p. 157-182, 2009.

ROSA, Marcelo. *Engenho dos movimentos sociais: reforma agrária e significação social na zona canavieira de Pernambuco*. 1. ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2011.

SALAZAR, Noel B. Anthropology. In: ADEY, Peter et al. (ed.). *The Routledge hand-book of mobilities*. London: Routledge, 2013. p. 55-63.

SANTOS, Antônio Bispo. *Colonização, Quilombos: modos e significados*. Brasília: UNB; INCTI, 2015.

SANTOS, Antônio Bispo. Modos quilombola. *Pisegrama*, Belo Horizonte, v. 9, p. 58-65, 2016.

SANTOS, Antônio Bispo. Somos da terra. *Pisegrama*, Belo Horizonte, v. 12, p. 44-51, 2018.

SHELLER, Mimi; URRY, John. The new mobilities paradigm. *Environment and Planning A*, v. 38, n. 2, p. 207-226, 2006.

SIGAUD, Lygia Maria. Direito e coerção moral no mundo dos engenhos. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 18, p. 361-388, 1996.

SOUZA, Barbara Oliveira. *Aquilombar-se: panorama sobre o movimento quilombola brasileiro*. 1. ed. Curitiba: Appris, 2016.

URRY, John. *Mobilities*. Cambridge: Polity, 2007.

VERGUNST, Jo Lee. Taking a trip and taking care in everyday life. In: INGOLD, Tim; VERGUNST, Jo Lee (ed.). *Ways of walking: ethnography and practice on foot*. Surrey, UK: Ashgate Publishing, 2008. p. 105-123.

VERGUNST, Jo Lee. Technology and technique in a useful ethnography of movement. *Mobilities*, v. 6, p. 203-219, 2011.

VIEIRA, Suzane de Alencar. *Resistência e pirraça na Malhada: Cosmopolíticas Quilombolas no Alto Sertão de Caetité, Bahia*. 2015. 425 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.